

A maior parte da disciplina é disciplina oculta, destinada a limitar e não a libertar. Não perguntem *porquê*. Tenham cuidado com o *como*. O *porquê* conduz inexoravelmente ao paradoxo. O *como* encerra-vos num universo de causa e efeito. Ambos negam o infinito.

— Os Apócrifos de Arrakis

— Taraza explicou-te que passámos por onze desses gholas Duncan Idaho, não é verdade? Este é o décimo segundo.

A idosa Reverenda Madre Schwangyu falou com uma amargura deliberada enquanto observava do parapeito do terceiro andar a criança solitária a brincar no relvado vedado. A luz intensa do sol do meio-dia do planeta Gammu refletia-se nas paredes brancas do pátio, inundando a área abaixo delas de brilho, como se um holofote tivesse sido apontado para o jovem ghola.

*Acabou-se!*, pensou a Madre Superiora Lucilla. Permitiu-se um breve aceno de cabeça, ponderando como eram frios e impessoais os modos e a escolha de palavras de Schwangyu. *Já esgotámos o nosso abastecimento; enviem-nos mais!*

A criança no relvado parecia ter cerca de doze anos padrão, mas a aparência podia ser enganadora para um ghola cujas memórias originais ainda não tinham despertado. Aproveitou esse momento para olhar para quem o observava lá em cima. Era uma figura robusta, com um olhar direto que se concentrava por baixo de um gorro preto de caraculo. A luz amarela do sol do início da primavera lançava uma pequena sombra aos seus pés. Tinha a pele bronzeada, mas um ligeiro movimento do corpo deslocou o macacão azul, revelando uma pele pálida no ombro esquerdo.

— Estes gholas não só saem caros como são extremamente perigosos para nós — disse Schwangyu.

A sua voz era neutra e desprovida de emoção, o que a tornava ainda mais poderosa. Era a voz de uma Reverenda Madre Instrutora a dirigir-

-se a um acólito e tornava claro para Lucilla que Schwangyu se contava entre os que protestavam abertamente contra o projeto gholá.

Taraza tinha avisado: «Ela vai tentar conquistar-te.»

— Onze fracassos são suficientes — disse Schwangyu.

Lucilla olhou para as feições enrugadas de Schwangyu e pensou, de súbito: *Um dia, posso também vir a ser velha e encarquilhada. E talvez venha igualmente a ter poder na Bene Gesserit.*

Schwangyu era baixa, com muitas marcas da idade adquiridas ao serviço da Irmandade. Lucilla sabia, por tudo o que a tinham mandado estudar, que, sob a túnica preta convencional, Schwangyu escondia uma figura magra que poucos haviam visto, além das acólitas que a vestiam e dos homens que com ela tinham procriado. Tinha uma boca grande, com o lábio inferior vincado pelas linhas da idade que se abriam em leque até um queixo saliente. As suas maneiras tendiam a ter uma brusquidão que os não iniciados muitas vezes interpretavam como cólera. A comandante da Cidadela de Gammu mantinha uma reserva superior à da maioria das Reverendas Madres.

Mais uma vez, Lucilla lamentou não conhecer o projeto gholá em toda a sua extensão. Mas Taraza tinha traçado uma linha divisória muito clara: «A Schwangyu não é de confiança no que diz respeito à segurança dos gholas.»

— Pensamos que foram os próprios Tleilaxu a matar a maioria dos onze anteriores — prosseguiu Schwangyu. — Isso, em si, devia pôr-nos de sobreaviso.

Em conformidade com o comportamento de Schwangyu, Lucilla adotou uma atitude de expectativa tranquila e quase desprovida de emoção. Os seus modos diziam: «Eu talvez seja muito mais nova do que tu, Schwangyu, mas também sou uma Reverenda Madre plena.» Sentia o olhar da velha fixo nela.

Schwangyu vira os hologramas dessa Lucilla, mas a mulher em carne e osso era mais desconcertante. Uma Impregnadora com a melhor formação, sem dúvida. Olhos de um azul sobre azul, não corrigido por qualquer lente, davam a Lucilla uma expressão penetrante que combinava com o seu longo rosto oval. O capuz da aba preta atirado para trás, como estava agora, revelava o cabelo castanho, preso por um travessão, antes de cair pelas costas em cascata. Nem a túnica mais rígida podia dissimular por completo os seus grandes seios. Lucilla provinha de uma linhagem genética famosa pela sua natureza maternal e já tinha dado três filhos à Irmandade, dois do mesmo pro-

genitor. Sim, era uma sedutora de cabelos castanhos, com seios volumosos e uma índole maternal.

— Diz muito pouco — observou Schwangyu. — O que me faz saber que a Taraza a pôs de sobreaviso contra mim.

— Tem alguma razão para crer que os assassinos vão tentar matar este décimo segundo gholá? — perguntou Lucilla.

— Já o tentaram.

Era estranho como a palavra «heresia» lhe vinha à cabeça a propósito de Schwangyu, pensou Lucilla. Poderia haver heresia entre as Reverendas Madres? As conotações religiosas da palavra pareciam deslocadas num contexto Bene Gesserit. Como podia haver movimentos heréticos em pessoas que tinham uma atitude profundamente manipuladora para com todos os assuntos religiosos?

Lucilla desviou a atenção para o gholá, que aproveitou esse momento para executar uma série de rodas, descrevendo um círculo completo, até ficar de novo de pé, com os olhos erguidos para as duas observadoras no parapeito.

— Que bela atuação! — escarneceu Schwangyu, numa voz que não dissimulava por completo a agressividade subjacente.

Lucilla olhou para Schwangyu. *Heresia*. «Dissidência» não era o termo adequado. «Oposição» também não abrangia o que a velha deixava transparecer. Era uma coisa que podia destroçar a Bene Gesserit. Revolta contra Taraza, contra a Reverenda Madre Superiora? Impensável! As Madres Superiores eram feitas da mesma massa que os monarcas. Uma vez que Taraza tivesse aceitado o conselho e *depois* tomado a sua decisão, as Irmãs eram obrigadas a obedecer.

— Isto não é altura para estar a criar novos problemas! — disse Schwangyu.

O sentido das suas palavras era claro. As gentes da Dispersão estavam de volta e a intenção de algumas dessas Perdidas ameaçava a Irmandade. Honradas Matres! Como essas palavras eram semelhantes a «Reverendas Madres».

Lucilla arriscou uma tirada exploratória:

— Então acha que devíamos concentrar-nos no problema das Honradas Matres da Dispersão?

— Concentrar-nos? Ah, elas não possuem os nossos poderes! Não dão mostras de bom senso. E não dominam a *melange*! É isso que eles querem de nós: o nosso conhecimento da especiaria.

— Talvez — concordou Lucilla, sem vontade de estar de acordo perante uma tão débil alegação.

— A Madre Superiora Taraza não deve estar boa da cabeça para lidar com a questão do gholá neste momento — disse Schwangyu.

Lucilla permaneceu em silêncio. Sem dúvida que o projeto gholá tinha tocado num ponto sensível da Irmandade. A possibilidade, ainda que remota, de poderem criar um novo Kwisatz Haderach gerava arrepios de medo e de cólera entre as suas fileiras. Tocar nos restos do Tirano ligados aos vermes! Era extremamente perigoso.

— Nunca devíamos levar esse gholá para Rakis — resmungou Schwangyu. — Deixemos os vermes em paz.

Lucilla centrou de novo a atenção no gholá menino. Este tinha virado as costas para o parapeito alto onde se encontravam as duas Reverendas Madres, mas qualquer coisa na sua postura revelava saber que estavam a falar a seu respeito e esperava a reação de ambas.

— Sem dúvida, dá-se conta de que a chamaram demasiado cedo. Ele ainda é muito novo — disse Schwangyu.

— Nunca ouvi falar de uma impregnação profunda em alguém tão novo — concordou Lucilla.

Deixou transparecer no seu tom uma ligeira autoironia, ciente de que Schwangyu a iria interpretar mal. A gestão da procriação e de todas as necessidades com ela relacionadas era a especialidade suprema da Bene Gesserit. Usem o amor, mas evitem-no, devia Schwangyu estar a pensar naquele momento. As analistas da Irmandade conheciam as raízes do amor. Tinham-nas estudado numa fase muito precoce do seu desenvolvimento, mas nunca se tinham atrevido a eliminá-las naqueles a quem influenciavam. Tolerem o amor, mas protejam-se dele, era a regra. Saibam que ele se encontra no fundo da constituição genética humana, como uma rede de segurança para garantir a continuidade da espécie. Usavam-no, quando necessário, ao impregnar indivíduos selecionados (por vezes uns aos outros) para cumprir os desígnios da Irmandade, sabendo que esses indivíduos ficariam ligados por laços poderosos quase inacessíveis à consciência comum. Outros podiam observar esses laços e prever as consequências, mas aqueles que estavam assim ligados dançavam ao som de uma música de que não tinham consciência.

— Não estava a sugerir que é um erro impregná-lo — disse Schwangyu, interpretando mal o silêncio de Lucilla.

— Fazemos o que nos mandam — protestou Lucilla.

Schwangyu podia interpretar aquilo como quisesse.

— Então não se opõe a que levem o gholá para Rakis — disse Schwangyu. — Mas pergunto-me se continuaria a dar mostras de tanta obediência se soubesse toda a história.

Lucilla respirou fundo. Seria agora que lhe ia ser revelado todo o projeto relativo aos gholas Duncan Idaho?

— Em Rakis, há uma menina, chamada Sheeana Brugh — prosseguiu Schwangyu —, capaz de controlar os vermes gigantes.

Lucilla dissimulou o seu interesse. *Vermes gigantes. Nem Shai-hulud, nem Shaitan. Vermes gigantes.* Finalmente, o cavaleiro da areia previsto pelo Tirano tinha aparecido!

— Não falo por falar — disse Schwangyu ao constatar que Lucilla continuava em silêncio.

*Lá isso é verdade, pensou Lucilla. E designas as coisas pelo seu rótulo descritivo e não pelo nome do seu significado místico. Vermes gigantes. Na realidade, estás a pensar no Tirano, Leto II, cujo sonho infinito é transportado em cada um desses vermes sob a forma de uma pérola de consciência. Ou assim nos levaram a crer.*

Schwangyu dirigiu um aceno de cabeça à criança no relvado abaixo delas.

— Acha que o gholá será capaz de influenciar a menina que controla os vermes?

*Estamos finalmente a levantar o véu,* pensou Lucilla, e disse:

— Não preciso de saber a resposta a essa pergunta.

— É *cautelosa* — disse Schwangyu.

Lucilla arqueou as costas e esticou-se. *Cautelosa? Sim, sem dúvida!*

Taraza tinha-a avisado: «No que diz respeito a Schwangyu, tem de agir com extremo cuidado, mas com rapidez. Dispomos de uma janela de tempo muito estreita dentro da qual podemos ter êxito.»

Ter êxito em quê?, perguntou-se Lucilla. Olhou de lado para Schwangyu.

— Não vejo como os Tleilaxu conseguiriam matar onze desses gholas. Como poderiam penetrar nas nossas defesas?

— Agora temos o Bashar — disse Schwangyu. — Talvez ele possa impedir o desastre.

O seu tom de voz dizia que não acreditava nisso.

A Madre Superiora Taraza tinha dito: «A Lucilla é uma Impregnadora. Quando chegar a Gammu, vai reconhecer uma parte do padrão. Mas para cumprir a sua missão não precisa de estar a par do projeto completo.»

— Pense no preço dele! — disse Schwangyu, a olhar, furiosa, para o gholá, agora de cócoras a arrancar tufos de relva.

Lucilla sabia que o preço nada tinha que ver com o assunto e que o mais importante era o reconhecimento aberto do fracasso. A Irmandade não podia revelar a sua falibilidade. Mas o facto de ter convocado uma Impregnadora tão cedo era vital. Taraza sabia que a Impregnadora iria aperceber-se disso e reconhecer parte do padrão.

Com uma mão ossuda, Schwangyu apontou para a criança, que tinha recommçado a sua brincadeira solitária, a correr e a pular na relva.

— A política — disse Schwangyu.

Sem dúvida que a política da Irmandade se encontrava no cerne da *heresia* de Schwangyu, pensou Lucilla. A delicadeza da dissensão interna era comprovada pelo facto de Schwangyu ter sido encarregada de comandar a Cidadela de Gammu. Aquelas que se opunham a Taraza recusavam-se a ficar de lado.

Schwangyu virou-se e olhou diretamente para Lucilla. Já tinham dito o suficiente. Era o bastante para mentes treinadas na consciência Bene Gesserit ouvirem e analisarem. A Casa do Capítulo escolhera a sua enviada com muito cuidado.

Lucilla sentiu o exame cuidadoso a que a mulher mais velha a submetia, mas recusou permitir que isso interferisse com o profundo sentido do dever em que todas as Reverendas Madres podiam confiar em momentos de stresse. *Pronto, que ela olhe para mim o que quiser.* Lucilla voltou-se e compôs a boca num sorriso suave, varrendo com o olhar o cimo do terraço à frente delas.

Um homem de uniforme, com uma pesada lasarma, apareceu ali, olhou uma vez para as duas Reverendas Madres e em seguida fixou a criança abaixo delas.

— Quem é aquele? — perguntou Lucilla.

— É Patrin, o auxiliar de maior confiança do Bashar. Diz que é apenas o ajudante de campo do Bashar, mas seria preciso ser cego e louco para acreditar nisso.

Lucilla examinou com atenção o homem à sua frente. Então aquele era Patrin. Um natural de Gammu, dissera Taraza. Escolhido para desempenhar essa tarefa pelo próprio Bashar. Magro e louro, demasiado velho para ser militar, mas o Bashar, já reformado, voltara a ser chamado e insistira em que Patrin devia partilhar esse dever.

Schwangyu reparou na preocupação genuína com que Lucilla desviou a atenção de Patrin para o gholá. Sim, se o Bashar fora convocado

para defender a Cidadela, então o ghola corria um perigo extremo. Com uma surpresa súbita, Lucilla começou a dizer:

— Porque está ele... ele é...

— São ordens de Miles Teg — disse Schwangyu, proferindo o nome do Bashar. — Toda a brincadeira do ghola faz parte de um treino. Os músculos têm de ser preparados para o dia em que ele retomar a sua personalidade de origem.

— Mas não é simples o exercício que ele está a fazer lá em baixo — disse Lucilla, que sentia os seus próprios músculos reagirem por simpatia com o treino recordado.

— Só os arcanos da Irmandade estão vedados a este ghola — disse Schwangyu. — Ele tem acesso a quase todo o restante conhecimento de que dispomos. — O seu tom de voz dizia que achava tal situação extremamente criticável.

— Por certo, ninguém acreditará que este ghola se possa tornar um novo Kwisatz Haderach — objetou Lucilla.

Schwangyu limitou-se a encolher os ombros.

Lucilla manteve-se imóvel, a pensar. Seria possível que o ghola se pudesse transformar numa versão masculina de uma Reverenda Madre? Poderia Duncan Idaho aprender a olhar para dentro, para onde nenhuma Reverenda Madre se atrevia a fazê-lo?

Schwangyu começou a falar numa voz que era quase um murmúrio:

— A conceção deste projeto... é um plano perigoso. Elas podiam cometer o mesmo erro... — Interrompeu-se.

*Elas*, pensou Lucilla. O ghola *delas*.

— Daria tudo para saber ao certo a posição dos Ixianos e das Oradoras Peixe no que toca a esta questão — disse Lucilla.

— Oradoras Peixe! — Schwangyu abanou a cabeça só de pensar no que restava desse exército de mulheres que em tempos só estivera ao serviço do Tirano. — Elas acreditam na verdade e na justiça.

Lucilla dominou um súbito aperto na garganta. Schwangyu quase tinha declarado a sua oposição aberta. E, no entanto, era ela quem comandava. A regra política era simples: aquelas que se opunham ao projeto deviam controlá-lo de modo que o fizessem abortar ao primeiro sinal de problemas. Mas era um verdadeiro ghola Duncan Idaho que se encontrava no relvado. As comparações celulares e as Verdavidentes haviam-no confirmado.

Taraza tinha dito:

— Vai ensinar-lhe o amor em todas as suas formas.